

O novo protagonismo dos idosos

Livro organizado por pesquisadora do CMU aborda a nova identidade da velhice

ISABEL GARDEVAL
bel@unicamp.br

“Que podia um velho fazer nos idos de 1916, a não ser pegar pneumonia, deixar tudo para os filhos e virar fotografia?” O diagnóstico, em versos, do poeta Paulo Leminski, é evocado na apresentação do livro *Educação e Velhice*, recém-lançado pela Editora Setembro. Na obra, organizada pela pedagoga, escritora e pesquisadora do Centro de Memória Unicamp (CMU) Margareth Brandini Park e pelo sociólogo Luís Antonio Groppo, professor do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, os pesquisadores convidados abordam as possibilidades de construção, hoje, de uma nova identidade da velhice, muito diferente do diagnóstico inicial. O idoso, segundo Park, tem representado papéis sociais de grande protagonismo. Mas não é apenas a velhice e as reminiscências que a educadora contempla em seus escritos. Ela “paradoxalmente” trabalha em outra ponta: o universo infantil, com a proposta da intergeracionalidade, dos laços solidários entre pessoas de todas as idades. Nesta linha, Park é autora de três obras infantis: *Minha Amiga dos Olhos de Gato*; *Amabile e Tranqüila: Minhas Duas Nonas*; e *A Viagem, o Cachorro, Minha Avó e sua Dentadura* (veja texto nesta página).

Em *Educação e Velhice*, uma publicação acadêmica que reúne 13 capítulos e mais de 20 autores, é oferecido aos estudiosos do tema um amplo material sobre diferentes aspectos da longevidade. Na primeira parte, são discutidos os espaços educacionais e a velhice. Na segunda parte, intitulada “Construindo e reconstruindo velhices”, foram destacadas as representações dos velhos na sociedade, através da mídia, da educação continuada, da educação ambiental. Na terceira parte é abordado o desafio da coeducação entre as gerações.

O livro, conta ela, expõe relatos em que os idosos possuem papel de protagonistas. O artigo “Políticas públicas, educação e projetos intergeracionais” descreve por exemplo um projeto desenvolvido ao longo de oito anos em que os velhos vão às escolas para atuar com crianças em Jarinu, São Paulo. O trabalho, que resultou na pesquisa de mestrado de Ewellyne Lopes, financiada pela Fapesp e orientada por Park, trouxe na época alguns questionamentos: o que se pretende ao levar o velho para as escolas?; sua influência realmente alteraria as relações ali travadas?; as crianças mudariam os conceitos sobre os velhos após o trabalho?; e a autoestima do velho mudaria?

Foram analisadas as atividades dos idosos mediante uma entrevista com as crianças da escola para verificar a imagem da velhice/velho que elas formaram após o projeto. Entenderam-nas como uma participação protagonista. Alguns idosos expressaram que não apreciavam trabalhar com crianças e sim com jovens. Por este interesse, optaram por tocar na banda musical da cidade, que foi reativada com o projeto a fim de motivarem adolescentes a participarem da banda. “Temos que entender que, para o velho ser protagonista, é



A pesquisadora Margareth Brandini Park, que também trabalha com conceitos da intergeracionalidade: “Temos que entender que, para o velho ser protagonista, é preciso respeitá-lo como sujeito”

preciso respeitá-lo como sujeito. Não devemos inseri-lo num projeto construído para ser-lhe oferecido. Ele tem que participar desde a elaboração da proposta”, salienta Park. Já outro grupo de idosos, compara, preferiu trabalhar com pesquisa de fotografias, identificando um acervo fotográfico de Jarinu através de suas memórias. Este material já foi duplicado e está disponível no CMU.

No capítulo 13 – “A velhice recriada, das cantigas de roda às cantigas das meninas de sinhá” – é apresentado um grupo de Belo Horizonte que entoa cantigas de roda em vários lugares. Esse grupo surgiu porque uma senhora notou, quando ia trabalhar, que muitas mulheres saíam com sacolas de remédios do Posto de Saúde. Do pensamento “alguma coisa deve estar errada”, foi criado a princípio o grupo Lar Feliz, de artesanato. Como algumas mulheres não queriam reproduzir o trabalho doméstico no artesanato, “assuntaram” que preferiam ser felizes. Decidiram cantar, iniciando o grupo Meninas de Sinhá. Os encontros acontecem ainda hoje. O projeto é tema de doutorado da pesquisadora Adriana Dias Gomide Araújo, da Faculdade de Educação (FE), orientado pela professora Olga von Simson, pesquisadora do CMU.

Park afirma que existem no Brasil outros projetos que buscam a inserção do idoso na sociedade. É o caso do vigor pioneiro do Sesc com esta população, desde a década de 1960, sobretudo relacionado ao esporte. Tal

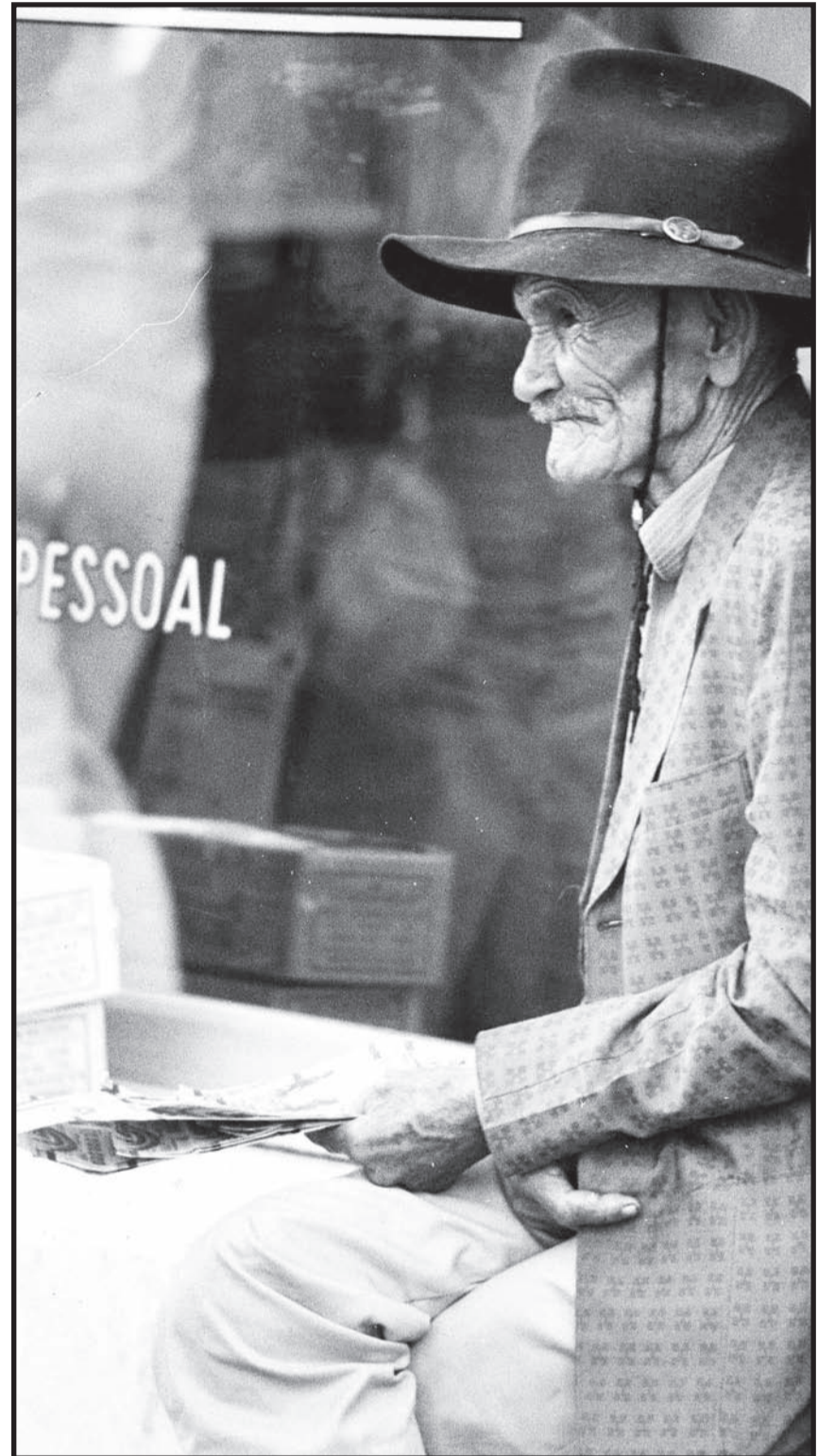
trabalho encontra-se descrito no artigo do psicólogo José Carlos Ferrigno, no capítulo 11. Ocorre que a longevidade hoje, opina, parte de um desafio maior, que requer outros espaços para estas populações. Na Pastoral de Campinas, abriu-se a oportunidade para a formação através de um programa de rádio, do qual Park é comentarista, no bairro São Bernardo. Trata-se de uma rádio comunitária com uma programação voltada a esse segmento. São comentários sobre filmes e livros.

Ela defende ainda um espaço na mídia em projetos de educação que insiram estes grupos e também na área de Artes. “Cito o belo trabalho dos velhos mestres batuqueiros que passam a sua experiência com o bafuque de umbigada para as populações mais jovens. É um trabalho de música e memória, iniciativa descrita pela pesquisadora do CMU Claudete Nogueira no capítulo 12 deste livro.”

No capítulo 7, o artigo discute o papel dos jornais comunitários, de autoria dos jornalistas Amarildo Carnicel e Amanda Galdini, o qual mostra que, ao ser entrevistado para contar a sua experiência de bairro, o idoso ganha visibilidade no jornal comunitário, começando a trabalhar melhor a sua autoestima. “O jornal então é um espaço para o resgate de sua imagem. Isso porque ele começa a apresentar um papel de guardião de memória”, realça.

Sintonia

Park sentiu-se desafiada a escre-



Fotos: Antoninho Perri

ver para crianças e optou por obras literárias e narrativas infantis, aliando o conhecimento que tem da memória e da formação de educadores à ideia de inserir diversas faixas etárias nos mesmos espaços de convívio.

Como é a longevidade no dia a dia? Como colocar velhos, adolescentes, adultos e crianças convivendo juntos? Isso pode trazer uma retroalimentação? Park acredita que se a criança e o jovem podem levar boas influências e energia ao velho, o inverso é verdadeiro, pois ele traz experiência e calma, criando um convívio prazeroso e produtivo para todos os envolvidos no aprendizado.

Com base na obra *O Sorriso Etrusco*, de José Luís Sampedro, é discutida em *Educação e Velhice*, no capítulo 10, a relação de um avô italiano campesino

que, adoentado, hospeda-se na casa dos filhos para fazer um tratamento. Então começa a convivência com o neto. “Pensando a questão da criança e do velho, há uma especificidade desses extremos no tempo. É que em um sistema capitalista, caracterizado pela produtividade, a criança é aquela que ainda não é, e o velho é aquele que já foi. Nesta situação, quando se juntam, podem fazer coisas diferentes do ‘ser produtivo’”, destaca Park.

Serviço
Livro: Educação e Velhice
Organizadores: Margareth Brandini Park e Luís Antonio Groppo
Editora: Setembro
320 páginas
Preço: R\$ 43,00
<http://www.editorasetembro.com.br/Site/educacao%20e%20velhice.html>

A criança, o velho e o tempo estendido

O velho, quando observa algo, dedica um longo tempo para isso. O mesmo acontece com a criança. Entre uma saída da escola para casa, o que conta para ela é o percurso: a flor que achou no caminho e a pedrinha que recolheu. Tanto a criança como o velho têm essa possibilidade de tempo estendido, o que os aproxima. “Foi então que comecei a pensar em meu primeiro livro infantil, *A Minha Amiga dos Olhos de Gato*, da Editora Árvore do Saber, já esgotado, que escrevi para uma amiga que tem esses olhos, esmiuçando as memórias de infância.”

Esses trabalhos permitem isso, diz Park. Quando o foco é a história oral, trabalha-se com a emoção das pessoas. Não é uma atividade fria, exclusivamente calcada em fatos. São versões. “Muitas crianças me interrogam se, quando escrevi aquela estória, eu era pequena, o que denota que consegui escrever como criança.”

Por outro lado, no livro *Amabile e Tranqüila, minhas Duas Nonas*, Editora Setembro, a autora lida com conceitos como a verdade e a mentira nas memorizações. “Quando a memória é trazida, é totalmente resignificada. Várias coisas influenciam isso, sobretudo o meu olhar de hoje. Não trazemos o passado de volta tal como foi.”

O livro expõe o ciclo da vida misturando plantas e gentes, contando as histórias das nonas imigrantes do Vêneto e trazendo, ao final, receitas passadas por elas à neta.

O livro mais novo, *A Viagem, o Cachorro, Minha Avó e a sua Dentadura*, Editora Adonis, é voltado a crianças em fase de alfabetização e relata uma viagem em família ao litoral com fatos pilhéricos e outros sérios envolvendo o cachorro Salsicha e seu dono. Por este motivo, a sua autora optou por adotar a letra bastão, a fim

de facilitar os primeiros contatos com a leitura e a escrita. Uma atividade lúdica, em cartão à parte, ao estilo do jogo ‘Onde está Wally?’ faz parte da obra. “Neste livro as crianças comentam que é incrível que uma pessoa tenha perdido uma dentadura no mar e tenha achado. E, por incrível que pareça, isso aconteceu de verdade.”

Inspiração

Park nasceu numa área de proteção ambiental – a APA de Sousa e Joaquim Egídio. Foi criada numa família de pai pescador e mãe amante de literatura. Também o pai incentivou-lhe a leitura: a observação do entorno. Eram filhos de italianos do Vêneto que vieram ao Brasil plantar no Rio Grande do Sul. Cresceu encarando a educação acontecendo nos espaços. Logo percebeu que podia aprender

tanto na biblioteca quanto na escola. “Vejo o quanto meus pais forjaram esse caráter que me constituiu educadora.”

Desde a década de 1990 atuando nos estudos do resgate da memória, Park conduz o leitor a uma viagem no tempo. Ela o faz de forma deliciosa, com humor e em grande parte deixa visível o “eu lírico” em suas escritas, sobretudo nas infantis, remetendo alguns fatos à sua própria identidade, fortemente influenciada pelas nonas italianas. Em que se pesem as loas do seu trabalho, é despreziosa quanto a lucros. Para a educadora, divulgar as publicações é fundamental. Ela, inclusive, conta que tem empregado o sutil, mas eficaz, expediente de ‘abandonar’ livros em pontos estratégicos da cidade, sempre com o seu e-mail, pelo simples prazer do contato mais pessoal com o seu público. O próximo livro pode ser seu.